

4. Uma experiência híbrida australiana em comunicação intercultural para tradutores e comunicadores profissionais num mercado global. J. Chrys Chrystello, Australia Council, University of Technology, Sydney, Australia Helena Chrystello, Universidade Aberta e ESEB Instituto Politécnico de Bragança

1. Introdução

A intenção deste trabalho foi a atualização de anteriores planos estratégicos governamentais sobre comunicações interculturais num meio ambiente multiétnico como a Austrália, num mercado global. Baseados em anteriores experimentações australianas neste campo, tentou-se mostrar como corrigir barreiras culturais e preconceitos e desenvolver perícias ajustadas às necessidades específicas dos utentes.

A preocupação mestra foi a falta de consulta, de coordenação de disseminação de anteriores tentativas bem-sucedidas e uma necessidade de educar as pessoas que lidam e se dirigem às comunidades como um todo, face às necessidades específicas dos NESB (pessoas de língua mãe não inglesa ou *Non-English speaking background*) nesta sempre mutante era de comunicações globais interculturais. Subsídios adequados aliados a uma pesquisa e programas de avaliação posterior são essenciais para o sucesso de qualquer iniciativa deste teor. Os profissionais de comunicação, tradutores e intérpretes muitas vezes não estão conscientes do problema ou adotam atitudes paternalistas de pseudoempatia.

Na Austrália, os maiores obstáculos, que as pessoas nascidas no exterior do país enfrentam, são uma efetiva falta de comunicação e de participação ativa; elas têm de ser ouvidas primeiro se queremos transmitir-lhes algum tipo de mensagem. Só depois de se definir o público-alvo, se definirá o que se vai enfatizar e como, para transmitir uma mensagem básica que possa ser transferida eficazmente para várias culturas e línguas sem as implicações normais à perda na tradução.

A mensagem melhor traduzida perde-se, muitas vezes, devido a pormenores relativos a etnia, credos, antecedentes culturais ou diferenças regionais no país de origem. Outras vezes, a tradução falha por ser demasiado generalista e ter jargão em excesso, para atingir um padrão linguístico básico ou por ser "*localizada*" para as elites em vez de se dirigir às minorias/ (maiorias) em desvantagem que muitas vezes são o verdadeiro público-alvo a quem a mensagem se dirige.